

Água para todos

» ALDO PAVIANI

Geógrafo e professor emérito da Universidade de Brasília

Brasília enfrenta um período de seca que ultrapassa os 90 dias. Por isso, as pessoas estão submetidas a certos problemas como, poeira na atmosfera, pele ressecada e sangramento do nariz, entre outros inconvenientes. Alguns setores da cidade não encontram água em córregos e riachos, pois secaram completamente. Não é de todo estranho que isso aconteça no segundo semestre de cada ano. Todavia, o que está ocorrendo é bastante ocasional, bastando olhar para o firmamento totalmente sem nuvens — o que o dito popular classifica como céu de brigadeiro.

Todavia, percebe-se tempo de mudança, com nuvens que parecem anunciar precipitações para breve. Nesse caso, só o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) poderá prever, monitorando com seu eficiente aparato técnico as condições meteorológicas para vislumbrar a mudança do tempo. Nada indica a quebra da seca de mais de três meses, pois o céu nublado vai cedendo à abertura para o ensolarado espaço da capital. Agora é esperar que, no alto da atmosfera, aconteçam movimentos da massa úmida vindo da Amazônia e que encontrem os ventos frios vindos do sul para que se formem os elementos necessários para que chova três dias sem parar como refere o poeta em sua canção. A frente fria chegou do sul e a temperatura teve leve abaixamento, mas o tempo não muda.

No Distrito Federal, se consomem milhões de litros de água todos os dias em atividades econômicas (do comércio e na indústria incipiente) e pela população. O consumo humano é necessário, mas há uso questionável

do precioso líquido em que a água potável é desperdiçada como ao aguar ruas empoeiradas, calçadas ou regar jardins. Com a dificuldade em captar água, essas práticas deverão ser proibidas. Enquanto isso, a Caesb deverá monitorar os que empregam o uso da água nesses usos e aumentar a tarifa para que isso seja coibido. Será crucial tomar medidas para poupar água ou ela terá que ser buscada em rios distantes como acontece em algumas capitais, no Rio de Janeiro com a adutora do rio Guandu, por exemplo.

Outras cidades buscam água em rios próximos como Manaus, Porto Alegre e Belo Horizonte. Todavia, se essas localidades têm indústrias, há águas servidas, que poluem os rios e necessitam de tratamento primário que as tornem próprias ao consumo humano ou para as indústrias de alimentos. Na capital federal, em que a Companhia de Saneamento de Brasília (Caesb) tem oferecido água de excelente qualidade, é necessário filtrar o que for destinado ao consumo das pessoas, pois houve época em que a companhia captava água no poluído lago Paranoá.

Conhecer o tema é necessário. Por isso, desde a escola fundamental, as crianças devem conhecer a atividade dos laboratórios das companhias para que o acesso à água apropriada aos diversos tipos de consumo humano a que ela se destina. Essas crianças cresceriam tendo conhecimento e dando crédito ao que se passa nos centros de tratamento para que a água jorre nas torneiras em condições saudáveis para aproveitamento das pessoas. A ida aos centros de tratamento das companhias de água e saneamento poderia ser feita pelas crianças e jovens

das escolas ao menos uma vez por ano, pois poucos conhecem todo o processo envolvido para que todos tenham água potável em condições de acesso. Igualmente, devem conhecer como se trata a água servida para que seja devolvida aos rios com a menor possibilidade de poluir o ambiente.

Aliás, o tratamento do esgoto é outro capítulo importante no trabalho das companhias de água e esgoto. Elas usam equipamento técnico para decantar elementos físicos geralmente oferecidos como adubo orgânico-mineral acessível aos que os desejarem a preços módicos. Essa é uma atividade secundária das empresas, mas que se revelam importante no ciclo de aproveitamento na agricultura das toneladas de detritos produzidos nos centros urbanos. Embora secundário, o comércio de adubo segue no rol das receitas e orçamentos das empresas de saneamento em todos os estados brasileiros.

Tudo o que é feito para uso da água e resíduos deveria ser de conhecimento da população urbana para a valorização no uso cotidiano. Com isso, os altos custos para que ela siga para os domicílios em perfeitas condições fariam com que a população a economizasse e evitasse o desperdício na limpeza de calçadas e ruas ou mesmo na rega de plantas em jardins todos os

dias. Os legisladores deveriam se munir de argumentos para propor aos executivos projetos de leis para a preservação de mananciais e da vegetação. O verde possibilita a recarga dos lençóis freáticos importantes em todo o ciclo das águas e ninguém deve desconhecer esses aspectos na vida das pessoas. Água para todos será seguramente democracia hídrica.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Fome de esquerda e esquerda da fome

Aqueles que têm, curiosidade em conhecer a realidade atual, vivida por alguns países vizinhos, sobretudo os que, por meio de eleições livres, ou nem tanto, estão sendo governados pela esquerda política, de certo, têm, nessa altura dos acontecimentos, uma ideia aproximada do que nos espera, a partir de outubro, caso parcela da população brasileira mal informada ou mal intencionada, resolva, majoritariamente, seguir pelos mesmos caminhos ideológicos.

Um olhar sobre países, como a Argentina, a Venezuela e mesmo o Chile, para ficarmos apenas em três dos países do continente que, em poucas décadas, passaram de nações prósperas e com bom Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), para Estados falidos, com suas populações vivendo com dificuldades e sem perspectivas, pode dar uma ideia do que está por vir.

A economia real, aquela do livre mercado e da livre iniciativa, em que o mercado regula oferta e procura como nenhum outro mecanismo criado pelo ser humano, não se deixa iludir por ideologias do tipo política e segue funcionando a despeito do que possam desejar governos de plantão.

O que ocorre, normalmente, no caso das liberdades econômicas, é a desastrosa interferência dos governos de esquerda. Sem produção e circulação, ou seja, sem crescimento econômico, não é possível para nenhum governo conduzir adequadamente a máquina do Estado. Em outras palavras, não se pode criar riquezas destruindo o mercado e aqueles que atuam nessa área. A esquerda prega a ideia, no íntimo nem ela mesma acredita, de que um Estado forte e centralizado tudo pode. A economia estatal é um engodo, se verificarmos que ela necessita do fluxo de riqueza, que os pagadores e impostos e os investidores podem oferecer.

O Estado não cria riqueza. Essa é uma máxima que a esquerda não gosta de ouvir. A junção da esquerda com o populismo fez, em tempo recorde, o que nenhuma guerra seria capaz: aumentar o nível de pobreza na Argentina. Tudo isso em menos de 10 anos. Com uma inflação que supera os 60% ao ano, a Argentina se transformou num país, que era sinônimo de riqueza para todo mundo, em uma nação com hordas de deserdados que perambulam pelas ruas em busca desesperada por alimentos. No Chile, as más notícias se repetem. Somente a inflação de junho está entre as maiores dos últimos 30 anos. A dolarização da economia interna, por causa do descontrole geral, tem levado o peso chileno e argentino a perderem valor.

Hoje, quem busca proteger seu dinheiro da crise crescente, compra dólares americanos o mais rápido possível. A incerteza política e a alta dos derivados do petróleo fizeram crescer, a níveis assustadores, a insatisfação popular, com arruaças e greves se sucedendo. A Venezuela que, para alguns líderes da esquerda brasileira, vive um excesso de democracia, é, talvez, a vitrine da gestão ruínas das esquerdas na América Latina. O socialismo do século 21 fez quase um quarto da população deixar a Venezuela, fugindo da fome, dos conflitos internos e da perseguição política.

Mesmo sentada em cima de uma das maiores reservas mundiais de petróleo, a Venezuela amarga uma crise humanitária do planeta. Parece um cenário surreal, mas falta, inclusive, gasolina e outros derivados nos postos. Há, no país, o reconhecimento da existência de um narco Estado, dominado por criminosos do colarinho branco e de farda militar. Obviamente, o retrato atual desses países é aquele que nos chega por meio da imprensa.

Ao vivo e a cores, a situação é bem mais complicada e danosa para essas populações que se vêem obrigadas a deixar seus países em busca de paz e melhores chances. A questão aqui é saber até quando esses ciclos perversos que levam a América Latina a mergulhar de cabeça nos turvos rios da esquerda vão durar. Talvez nunca cessem enquanto houver possibilidade de governos sem seriedade chegarem ao poder.

» A frase que foi pronunciada

“Quando a esquerda começa a contar dinheiro, converte-se em direita.”

Carlito Maia

ZFM

» Durou pouco tempo a alegria dos ciclistas com a redução de 35% do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). Não se sabe a razão, o governo anunciou a volta da alíquota de 10% também em outros produtos da Zona Franca de Manaus.

Taxa demais

» Agaciel Maia entende de política. Argumentou que os serviços públicos e as concessões “devem se adaptar à realidade da população”. E tocou numa ferida. As tarifas de água e esgoto cobradas pela Caesb. Agaciel apresentou um projeto de lei para que os reajustes estabelecidos desde 2021 sejam cancelados. “Precisamos reduzir as tarifas”.

» História de Brasília

Na lista Telefônica de Brasília há um ministério a mais: Ministério Fábio Ernesto. Verifiquem, e verão. (Publicada em 9/3/1962)



O curso de uma tragédia no Pantanal

» NELSON TRAD

Senador (Mato Grosso do Sul), foi prefeito de Campo Grande

Não é como nas profecias de Antônio Conselheiro, de o sertão virar mar e o mar virar sertão. O que vemos no Pantanal sul-mato-grossense com o Rio Taquari é pior. O que antes era um rio apresenta desertos e inundações. O leito ficou mais alto do que as margens e as áreas secas, agricultáveis e de uso da pecuária pantaneira passaram a ser terrenos alagados permanentemente. Moradores, fazendeiros e as próprias criações que ali viviam tiveram que deixar a região.

O fio desse desastre ambiental pode ser puxado da recente ocupação humana nos chapadões onde se formam as nascentes do Taquari. Começou nos anos 1970, com a agropecuária intensiva. De lá para cá, a cobertura vegetal tem escasseado monstruosamente: em 1974, era de 5,6% a taxa de desmate acumulado; em 2020, ela subiu para 62%. Outro modo de dimensionar o desastre é constatar que, entre 2000 e 2020, a bacia do Alto Taquari perdeu 15% de área, o equivalente a 851km² de formações florestais; e 30% de formações de savana, uma área de 1.565km².

O dano maior tem sido nas áreas acidentadas e de baixa altitude, onde predominam os pastos de pecuária extensiva. Ali, existem verdadeiros cânions, iniciados como voçorocas, demonstrando que o processo erosivo está no estágio mais avançado. Algumas dessas fendas chegam a ter 30

metros de profundidade, deixando à mostra o lençol freático.

Como resultado, ao longo dos anos, a maior parte do rio foi desviada, já que o leito extrapolou a altura das margens. O rio teve o curso alterado e imensas áreas foram inundadas de maneira permanente, rompendo o ciclo do pantanal.

É aterradorador o que se vê, por exemplo, à beira de um precipício de algumas dezenas de metros: um morador local, o sr. Adilino Custódio, afirma que tudo ali era planície: “Não tinha nem um buraquinho”. Outros depoimentos e imagens de moradores da região chocam os que leem as dezenas de reportagens a respeito da situação calamitosa do Rio Taquari.

Nesse cenário, transbordam incertezas. Mas é possível imaginar uma solução? Talvez e apenas no longo prazo. Por exemplo, foi instituído, em 1999, o Parque Estadual das Nascentes do Taquari, com pouco mais de 30 mil hectares. E, mesmo com uma área modesta — só 1% da bacia do Alto Taquari —, essa reserva ainda não começou a produzir seus efeitos benéficos, pois 80% de sua área ainda são fazendas particulares, os acordos indenizatórios não têm prosperado.

Há esperanças, portanto, para superar uma situação tão adversa? Quero crer que sim. As experiências com agricultura sintrópica, por exemplo, têm demonstrado excelentes resultados. Com um conceito de que é possível

plantar água, Ernst Götsch, um pesquisador e agricultor suíço, tem demonstrado o quanto é possível desenvolver, simultaneamente, a produção de alimentos e a recuperação florestal. Na fazenda que cultiva desde 1980 no sul da Bahia, seu trabalho fez ressurgir 14 riachos que cruzavam os 510 hectares da Fazenda Piraf do Norte.

Ao assumir aquela propriedade, a terra estava devastada pelo uso não sustentável. Com sua disposição, generosidade e técnica, em menos de dois anos, Götsch já havia reflorestado tudo. Ao longo dos antigos cursos dos riachos, plantou árvores; e as raízes delas, ao mesmo tempo, protegeram o solo da erosão, ampliaram a umidade no terreno e aumentaram em 70% a quantidade de chuva na fazenda, em um processo conhecido como evapotranspiração.

Hoje, quem visita a Fazenda Piraf contempla uma floresta que imagina ser centenária, com grande variedade de frutas, legumes e árvores imensas. Com somente 1% da área cultivada, Götsch exporta para a Europa um cacau de altíssimo valor.

A prática tem chamado a atenção tanto de pequenos agricultores familiares quanto de grandes grupos exportadores de alimentos. É uma gota de esperança, exemplo do que pode ser feito para que, daqui a algumas décadas, possamos recuperar rios como o Taquari e mudar o curso dessa tragédia.